

Preparação para os Exames Nacionais de

PORTUGUÊS

12.º ANO

Itens selecionados dos enunciados de 2012 a 2017

1.ªs Fases, 2.ªs Fases e Épocas Especiais

Com resoluções completas e explicadas,
incluindo os itens de escolha múltipla pertinentes.

Com orientações para o item de resposta extensa.

Com exemplo de texto expositivo-argumentativo.

A primeira parte deste livro contém itens selecionados retirados dos Exames Nacionais de Português (código 639) e de Literatura Portuguesa (código 734) do 12.º Ano, elaborados pelo IAVE – Instituto de Avaliação Educativa, I.P. (anteriormente GAVE – Gabinete de Avaliação Educacional) para o Ministério da Educação e realizados a nível nacional entre os anos de 2012 e 2017.

A segunda parte contém propostas de resolução para esses itens, elaboradas por uma equipa da Associação de Professores de Português (APP).

Os itens selecionados são reproduzidos na sua forma integral e original, sem alterações nem adaptações.

Português (12.º Ano)
Exames Nacionais, códigos 639 e 734 – Anos 2012-2017
1.ª Fases, 2.ª Fases e Épocas Especiais

Edição: Editorial do Ministério da Educação e Ciência

Propostas de resolução: Associação de Professores de Português – Edviges Antunes Ferreira

Execução gráfica, comercialização e distribuição:

Editorial do Ministério da Educação e Ciência
Estrada de Mem Martins, 4 – S. Carlos
Apartado 113
2726-901 MEM MARTINS
Tel. 219 266 600 • Fax 219 202 765
Internet: www.emec.gov.pt • E-mail: geral@emec.gov.pt
Facebook: www.facebook.com/EditorialMEC

Capa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência

1.ª edição: Janeiro de 2018

Tiragem: 1500 exemplares

ISBN: 978-972-767-026-0

Depósito legal: 435 321/17

Todos os direitos reservados conforme a legislação em vigor. É proibida a reprodução das resoluções apresentadas nesta obra, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem o consentimento escrito da Editorial do Ministério da Educação e Ciência. Esta proibição abrange texto, imagens e arranjo gráfico. A violação desta proibição será objeto de procedimento judicial.

ÍNDICE

	Pág.		Pág.
Prefácio	5	Resoluções	133
Introdução	7	Grupo I	135
Enunciados	9	Poesia trovadoresca	137
Grupo I	11	Fernão Lopes	139
Poesia trovadoresca	13	Gil Vicente	140
Fernão Lopes	19	Luís Vaz de Camões – <i>Rimas</i>	143
Gil Vicente	21	<i>Os Lusíadas</i>	145
Luís Vaz de Camões – <i>Rimas</i>	27	<i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> ..	148
<i>Os Lusíadas</i>	30	<i>Frei Luís de Sousa</i>	150
<i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> ..	38	<i>Amor de Perdição</i>	152
<i>Frei Luís de Sousa</i>	41	<i>Os Maias</i>	153
<i>Amor de Perdição</i>	45	Antero de Quental	154
<i>Os Maias</i>	47	Cesário Verde	155
Antero de Quental	49	Fernando Pessoa (ortónimo)	156
Cesário Verde	50	Alberto Caeiro	157
Fernando Pessoa (ortónimo)	51	Álvaro de Campos	159
Alberto Caeiro	53	Ricardo Reis	160
Álvaro de Campos	56	<i>Mensagem</i>	162
Ricardo Reis	57	Poesia do Século XX	164
<i>Mensagem</i>	61	Grupo II	165
Poesia do Século XX	63	Grupo III	187
Grupo II	65	Como elaborar um texto expositivo-argumentativo	189
Grupo III	125	Exemplo de texto expositivo-argumentativo	191

(Prova 734, 1.ª Fase, 2014)

Leia o soneto de Camões a seguir transcrito. Em caso de necessidade, consulte a nota e o glossário apresentados.

- 1 O céu, a terra, o vento sossegado...
As ondas, que se estendem pela areia...
Os peixes, que no mar o sono enfreia...
O noturno silêncio repousado...
- 5 O pescador Aónio, que, deitado
onde co vento a água se meneia,
chorando, o nome amado em vão nomeia,
que não pode ser mais que nomeado:
- Ondas (dezia), antes que Amor me mate,
10 tornai-me a minha Ninfa, que tão cedo
me fizestes à morte estar sujeita.

Ninguém lhe fala; o mar de longe bate,
move-se brandamente o arvoredo;
leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

Luís de Camões, *Rimas*, edição de Álvaro J. da Costa Pimpão,
Coimbra, Almedina, 1994, p. 169

NOTA E GLOSSÁRIO

enfreia (verso 3) – domina; subjuga.

Ninfa (verso 10) – neste contexto, termo usado para designar a amada; mulher jovem e formosa; divindade que habita o campo, os bosques e as águas.

se meneia (verso 6) – se move; se agita.

tornai-me (verso 10) – trazei-me de volta.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Caracterize o espaço físico representado na primeira quadra e a atmosfera nele predominante.
2. Descreva o estado de espírito do pescador Aónio, com base na segunda e na terceira estrofes.
3. Refira um dos efeitos expressivos da aliteração presente no último verso do poema.
4. Interprete a reação da natureza ao apelo do pescador.

(Prova 639, Época Especial, 2017)

Leia o poema.

Ah, que maçada o piano
Eternamente a tocar
Lá em cima, no outro andar!

Ah, que tristeza o cessar!
5 Sempre era gente a tocar!
Sempre tinha companhia
Nessa constante arrelia.

Vizinha, se não morreu,
Que aquele piano seu
10 Volte de novo a maçar!
Sem ele penso e sou eu,
Com ele esqueço a sonhar...

Má música? Sim, mas há
Até na música má
15 Um sentimento de alguém.
Não sei quem o sente ou dá,
Não sei quem o dá ou tem.

Não deixe de me maçar
Com o contínuo tocar
20 Do seu piano frequente.
Ah, torne-me a arreliar
E mace-me eternamente!

A quem é só, tudo é mais
Que o que está naquilo que é.
25 Notas falsas, desiguais —
Não se importe: a minha fé,
Meu sonho, vão a reboque
Do que toca mal e até
Do piano, do não sei quê...
30 Toque mal; mas toque, toque!

Fernando Pessoa, *Poesia do Eu*, edição de Richard Zenith, 2.ª ed.,
Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, pp. 313-314

1. Explique o modo como o sujeito poético percebe o som do piano, de acordo com o conteúdo das duas primeiras estrofes.
2. Explique o sentido dos versos «Sem ele penso e sou eu, / Com ele esqueço a sonhar...» (vv. 11-12).
3. Refira três das marcas linguísticas que, a partir da terceira estrofe, sugerem a existência de um diálogo e transcreva um exemplo de cada uma dessas marcas.

(Prova 639, 2.ª Fase, 2017)

Leia o texto.

Venho a Malaca, que agora se chama Melaka, pela História do meu país. No século XV, o sultanato controlava o comércio do Oriente, o imperador chinês oferecia a filha em casamento ao sultão. Vinte mil navios lançavam âncora no porto, 84 idiomas regateavam preços no cais. «Quem for senhor de Malaca tem a mão na garganta de Veneza», escrevia Tomé Pires, contemporâneo de Afonso de Albuquerque, aludindo à importância de Malaca no controlo da rota das especiarias.

Portugal conquistou a cidade em 1511, perdeu-a em 1641 para a Holanda. Não tenho ilusões sobre os vestígios da presença portuguesa: já passou demasiado tempo. O que os Holandeses e os Ingleses não destruíram, deixámos nós que se diluísse nos séculos de ausência e de desleixo. Antecipo Melaka como um cruzamento da humanidade, uma poção única, uma receita irrepetível. Mas não é assim. Encontro uma anónima e descoordinada cidade oriental, que podia ser qualquer outra cidade do Sudeste Asiático, um quarteirão periférico de Sydney, de São Francisco. Um rio lamacento e abandonado atravessa o centro, fachadas sujas e desmazeladas derretem-se sobre as margens. Do lado de cá, os Chineses; e do outro lado, os Indianos. Os Malaios estão mais além. Não há confusões. Cada um trata de si, todos se atarefam em conquistar uma vida melhor: um novo eletrodoméstico, um fim de semana em Singapura, a universidade dos filhos, a peregrinação a Meca.

Sob a aparente indolência tropical, as tensões étnicas vão cozendo em fogo lento. De tantos em tantos anos, explodem. Nada é inconsequente em Malaca: a língua, a fé, a cor da pele, a forma de vestir ou a aptidão profissional atribuem um lugar preciso no tabuleiro social. As pessoas carregam a afiliação étnica não apenas como uma identidade, também como um vínculo.

Ponho-me à procura das relíquias da passagem portuguesa. Encontro a porta decrépita de um forte demolido, o esqueleto de uma igreja, uma estátua mutilada de São Francisco Xavier. Faz tudo parte do roteiro turístico de Malaca, juntamente com o passeio de riquexó, a visita ao *shopping*, a quinta dos crocodilos. A réplica da caravela portuguesa que serve de museu da cidade não é, afinal, uma homenagem ao extraordinário feito de armas dos navegadores lusitanos – o de conquistar, com duas dezenas de navios e 1500 homens, um poderoso sultanato de 100 000 habitantes. Depois de sete meses de navegação desde Lisboa.

O museu serve para glorificar as bases religiosas da nação. Dentro, tudo conduz à conclusão de que os sucessivos invasores europeus não teriam conquistado Melaka hoje [...].

Continuo a procurar Portugal em Malaca – na igreja. O catolicismo, a artéria vital da mentalidade do meu povo, é um legado da presença portuguesa no antigo empório dos sete mares. Entro, é a hora da missa. A igreja imita o gótico francês, o padre é chinês, os fiéis são asiáticos, a missa decorre em inglês, as canções transmitem um concentrado de alegria, ritmo e *nonchalance* que seria impensável em Portugal. Não é um legado evidente. Mas uma coisinha pequena começa a agitar-se na alma: o sentimento de identificação com a realidade que me rodeia. Um momento familiar. Uma saudade.

Gonçalo Cadilhe, *Planisfério Pessoal*, Lisboa, Clube do Autor, 2016, pp. 232-233

NOTAS

- *nonchalance* (linha 36) – expressão em francês que significa «despreocupação», «desprendimento».
- *riquexó* (linha 25) – veículo de duas rodas para uma ou duas pessoas, puxado por uma pessoa a pé ou de bicicleta, frequente em cidades do Oriente.

Luís Vaz de Camões – *Rimas*

Prova 734, 1.ª Fase, 2014
(Enunciado: pág. 27)

- 1.** Na primeira quadra é apresentada uma descrição de um espaço físico que está ligado a um ambiente marítimo, predominando uma atmosfera de calma e tranquilidade. Na realidade, a paisagem é marinha («As ondas, que se estendem pela areia...»), noturna, e predomina uma atmosfera de quietude e de silêncio («O céu, a terra, o vento sossegado...», «Os peixes, que no mar o sono enfreia...», «O noturno silêncio repousado...»).

Cotação: 20 pontos.

- 2.** Nas estrofes mencionadas, o pescador Aónio é objeto de um profundo desespero («chorando» – v. 7), pois apresenta-se dominado por um sentimento de grande tristeza devido à morte da amada («tornai-me a minha Ninfa [...] à morte estar sujeita» – vv. 10-11). Sob um sentimento de grande desalento, patente na sua postura corporal («deitado» – v. 5), o pescador exprime a sua tristeza e desespero chorando e chamando pelo «nome amado» (v. 7) e pedindo às «Ondas» que devolvam à vida a sua «Ninfa».

Cotação: 20 pontos.

- 3.** A aliteração, presente na última estrofe, pode ter vários efeitos expressivos. Na realidade, um dos efeitos prende-se com o facto de a repetição do som «v» sugerir o ruído produzido pelo vento.

Cotação: 20 pontos.

- 4.** A natureza mostra-se indiferente ao apelo do pescador, não havendo qualquer reação da mesma. Assim, quando o pescador pede às «Ondas» que lhe devolvam a sua «Ninfa», a única resposta que obtém é o silêncio («Ninguém lhe fala» – v. 12), o agitar lento do arvoredado («move-se brandamente o arvoredado» – v. 13), a indiferença do mar («de longe bate» – v. 12) e o vento, que, ao soprar, lhe leva o som da voz para longe (v. 14).

Cotação: 20 pontos.

Prova 639, 1.ª Fase, 2016
(Enunciado: pág. 28)

- 4.** As duas quadras apresentam uma reflexão do poeta sobre os efeitos da passagem do tempo na sua vida. Assim, para ele, a vida prolonga-se de uma forma cada vez mais dolorosa e difícil («Oh! como se me alonga, de ano em ano, / a peregrinação cansada minha!» – vv. 1-2). O poeta toma consciência de que o final da sua vida se aproxima, notando que, com o passar dos anos, esta vai perdendo qualidade («Vai-se gastando a idade e cresce o dano» – v. 5), avaliando a sua existência de forma negativa, com base na sua experiência («Como se encurta, e como ao fim caminha / este meu breve e vão discurso humano!» – vv. 3-4). Considera, também, que toda e qualquer esperança não passa de uma ilusão («qualquer grande esperança é grande engano» – v. 8).

Cotação: 20 pontos.

1. Os dois processos de criação poética abordados nas três primeiras estrofes são apresentados pelo sujeito poético como opostos: de um lado, uma poesia pensada, trabalhada, artística – daí as comparações utilizadas nos versos 1 e 5: os versos que são trabalhados como um carpinteiro trabalha as tábuas ou como um pedreiro constrói um muro; do outro, uma poesia espontânea e simples, mais de acordo com o sujeito poético, em consonância com a natureza («Que triste não saber florir!» – v. 4), que, variada e harmoniosa, é o modelo da verdadeira arte («Quando a única casa artística é a Terra toda / Que varia e está sempre boa e é sempre a mesma» – vv. 7-8).

Cotação: 20 pontos.

2. O verso 9 apresenta uma contradição entre «mas como quem não pensa» e «Penso nisto», ou seja, entre aquilo que o sujeito poético afirma e o que faz: ao defender o pensamento espontâneo por oposição ao puro, o sujeito poético acaba por incorrer neste último, na medida em que o intelectualiza.

Cotação: 20 pontos.

3. Na quarta estrofe do poema, assiste-se a uma valorização das sensações e da comunhão com a natureza. Assim, o poeta privilegia a realidade captada pelos sentidos (visão e audição – «E olho para as flores e sorrio», no verso 10; «E deixar que o vento cante para adormecermos», no verso 17), recusando o pensamento e valorizando, ao invés, as sensações: «Não sei se elas me compreendem / Nem se eu as compreendo a elas» (vv. 11-12). A valorização da comunhão com a natureza é expressa quando o «eu» se considera, tal como as flores, um elemento da natureza, ao partilhar com elas uma «comum divindade» (v. 14) e a «verdade» (v. 13). A valorização da comunhão com a natureza também é expressa pelo sujeito poético quando ele considera que a «Terra» (v. 15) é a mãe natureza, acolhedora e protetora («E levar ao colo pelas Estações contentes / E deixar que o vento cante para adormecermos» – vv. 15-16).

Cotação: 20 pontos.

COMO ELABORAR UM TEXTO EXPOSITIVO-ARGUMENTATIVO

Num texto expositivo-argumentativo deve existir uma análise crítica e pessoal, devidamente fundamentada. Deve ser defendida uma tese e, conseqüentemente, devem existir argumentos e exemplos que os comprovem.

ESTRUTURA

Introdução – Composta por um parágrafo, onde se enuncie o que se pretende defender. Se o texto a desenvolver partir de uma citação, deve remeter-se para os elementos nela presentes.

Desenvolvimento – Cada parágrafo deve conter um argumento e, pelo menos, um exemplo que o confirme.

Conclusão – Composta por um parágrafo, onde se vai reforçar a opinião defendida.

ORGANIZAÇÃO

Tem de haver uma ligação entre os diferentes momentos, pelo que é fundamental a utilização de articuladores do discurso, que devem ser variados.

Por exemplo:

1. Se se pretender apresentar uma explicitação poderão ser utilizados termos como: *isto é; ou antes...*
2. Se se pretender provar um argumento/opinião poderão ser utilizados termos como: *com efeito; sem dúvida; na verdade...*
3. Quando se pretende exemplificar deverão ser utilizados termos como: *assim; por exemplo; importa salientar...*
4. Quando se pretende apresentar um contra-argumento, poderão ser utilizados conectores como: *mas; no entanto; contudo; pelo contrário...*
5. Quando se pretende concluir, poderão ser utilizados marcadores como: *finalmente; em suma; em conclusão...*

Eis alguns articuladores/conectores que poderão ser utilizados:

- para reiterar, reafirmar:
retomando a questão; penso que; a meu ver; creio que; estou certo; em nosso entender...
- para referenciar espaço:
aqui; ali; lá; acolá; além; naquele lugar; o lugar onde; ao lado de; à esquerda; à direita; ao centro; no meio; mais adiante...
- para concordar, provar, exprimir certeza:
efetivamente; com efeito; certamente; na realidade...

Este livro contém itens selecionados dos enunciados dos Exames Nacionais das disciplinas de Português e de Literatura Portuguesa do 12.º ano, aplicados a todo o sistema de ensino pelo Ministério da Educação nos anos de 2012 a 2017.

Tendo em conta as alterações sofridas pelo programa de Português do 12.º Ano em 2015/2016, os itens do Grupo I foram retirados das provas 639 (Português) e 734 (Literatura Portuguesa) e agrupados por temáticas, de maneira a contemplar todos os conteúdos de Educação Literária contidos no novo programa.

São apresentadas propostas de resolução completas e explicadas para os itens selecionados, incluindo os itens de escolha múltipla pertinentes.

Para orientar os alunos na resposta aos itens do Grupo III (texto expositivo-argumentativo), o livro inclui **um conjunto de orientações** e um **exemplo de texto expositivo-argumentativo** elaborado a partir de um item de exame.

As propostas de resolução apresentadas foram elaboradas por uma equipa de professores da **Associação de Professores de Português**.

